

**FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO - AJES**  
**BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**DEBORA KAROLAINÉ BATISTA SOARES**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE  
VIOLÊNCIA**

Guarantã do Norte-MT

2022

**FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO - AJES**  
**BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**DEBORA KAROLAINÉ BATISTA SOARES**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE  
VIOLÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Enfermagem, da Faculdade do Norte de Mato Grosso - AJES, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem sob a orientação da professora Mestre: Fabiana Rezer.

Guarantã do Norte-MT

2022

**AJES - FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO**

**BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**SOARES; Debora Karolaine Batista. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA**

(Trabalho de Conclusão de Curso) AJES – Faculdade do Norte de Mato Grosso. Guarantã do Norte- MT, 2022.

**Data da defesa:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Me. Fabiana Rezer

---

**Membro Titular:** Prof.

---

**Membro Titular:** Prof.

Local: **AJES** - Faculdade do Norte de Mato Grosso  
**AJES** - Unidade Sede, Juína – MT

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

*Eu, DEBORA KAROLAINÉ BATISTA SOARES, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisas acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado, **Atuação do Enfermeiro no atendimento à mulher vítima de violência**, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.*

*Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referências à fonte e ao autor.*

Guarantã do Norte – MT, 2022.

---

Debora Karolaine Batista Soares

## RESUMO

**Objetivo:** Analisar a atuação do enfermeiro durante o atendimento à mulher vítima de violência e avaliar o índice de mortalidade de mulheres vítimas de violência no Mato Grosso em 2022. **Método:** Trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem quantitativa e pautada em uma revisão bibliográfica narrativa. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas, a primeira com dados disponibilizados pela delegacia geral de Mato Grosso, contendo informações sobre os casos de mortalidade contra a mulher no primeiro semestre de 2022. A segunda com buscas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Base de dados da Enfermagem e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica. **Resultados:** Verifica-se que ocorreram um total de 51 mortes de mulheres no primeiro semestre de 2022 no estado de Mato Grosso, sendo eles 28 homicídios e 23 feminicídios. Os enfermeiros precisam de um maior preparo para poder fazer um atendimento mais humanizado e com mais empatia. É necessário que haja um olhar mais holístico para esse tipo de atendimento, já que é um atendimento que precisa de cautela para ser realizado. **Conclusão:** Foi possível identificar que a mortalidade contra a mulher ainda é uma frequente e violenta causa de mortalidade e que o enfermeiro ainda apresenta dificuldades no atendimento, e precisa de treinamento para a realização do atendimento à mulher vítima de violência.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Feminicídio. Atendimento de Enfermagem.

## ABSTRACT

**Objective:** To analyze the role of nurses during the care of women victims of violence and to evaluate the mortality rate of women victims of violence in Mato Grosso in 2022. **Method:** This is a documentary research, with a quantitative approach and based on a review narrative bibliography. The research was carried out in two stages, the first with data made available by the general police station of Mato Grosso, containing information on cases of mortality against women in the first half of 2022. The second with searches in the Scientific Electronic Library Online databases, Literature Latin American and Caribbean Health Sciences, Nursing Database and Online System for Searching and Analyzing Medical Literature. **Results:** It appears that there were a total of 51 deaths of women in the first half of 2022 in the state of Mato Grosso, with 28 homicides and 23 femicides. Nurses need greater preparation to be able to provide more humanized and empathetic care. It is necessary to have a more holistic look at this type of service, since it is a service that needs caution to be carried out. **Conclusion:** It was possible to identify that mortality against women is still a frequent and violent cause of mortality and that nurses still have difficulties in care, and need training to perform care for women victims of violence.

**Keywords:** Breastfeeding; Breastmilk; Nurse.

# 1 INTRODUÇÃO

A enfermagem, como ciência do cuidar, tem passado as últimas décadas tentando elucidar os debates sobre sua prática, reconhecendo que cuidar é um processo que está sempre em evolução e sujeito a mudanças no sistema de saúde. Entre aqueles a serem observados, está uma mulher que foi vítima de violência, um problema que foi identificado como uma questão histórica, social e global que tem crescido de forma alarmante, tornando-se motivo de preocupação para países, acadêmicos, autoridades, organizações não governamentais, e diversos campos de conhecimento (MORAIS; MONTEIRO; ROCHA, 2021).

Para a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) e Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021 relatam que uma em cada três mulheres em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida, que 42% das mulheres vítimas de violência por parte do parceiro relatam lesões como consequência da violência e 30% das mulheres que estiveram em um relacionamento relatam ter sofrido alguma forma de violência física e/ou sexual, além disso, 20% das mulheres relatam terem sido vítimas de violência sexual na infância.

As diversas formas de violência às quais as mulheres são vulneráveis podem ter uma cascata de consequências para sua saúde física e emocional, aumentando a necessidade de atendimento de saúde. Normalmente, o autor da violência é uma pessoa conhecida da vítima, o que tende a reduzir o número de casos denunciados, principalmente em comunidades onde a violência contra a mulher é considerada uma ocorrência frequente. A violência tem uma ampla gama de consequências na vida das mulheres, independentemente de sua idade ou condição social, os efeitos referidos vão desde sequelas físicas até psicológicas, resultando em maior benefício para a sociedade como um todo, visto que as mulheres agredidas muitas vezes sofrem de baixa autoestima e problemas de saúde, dificultando o desenvolvimento laboral (CRUZ; IRFFI; 2019).

Todas as mulheres pós-púberes, na menopausa e não púberes maiores de 14 anos que relatam ter sido vítima de violência em uma das seguintes formas: violação, atentado violento ao pudor com penetração oral e/ou anal, ou sem penetração com ejaculação externa próxima à região genital, tem o direito de ter o registro e arquivo de atenção e observação de diferentes profissionais, anotadas em uma única ficha clínica, e deve ser aberto o prontuário. Enfermeiros (as), ginecologistas, infectologistas, assistentes sociais e psicólogos compõem a equipe multidisciplinar, que segue protocolos específicos para cada área e registro e arquivo

de atenção e observação de diferentes profissionais, anotadas em uma única ficha clínica (HIGA et al., 2008).

A mulher que foi vítima de violência tem direito ao atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), com o objetivo de diminuir os danos causados pela violência, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Com isso, os profissionais que trabalham com esse grupo devem ser treinados para prestar um atendimento humanizado. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha atividades de destaque no atendimento à mulher vítima de maus-tratos, tendo em vista que, muitas vezes, esses profissionais são os primeiros a entrar em contato com as vítimas, aclimatando, orientando e realizando as etapas necessárias, além de notificar casos (LIMA et al., 2021).

O atendimento de Enfermagem deve ser imediato, dentro de cinco dias decorridos da violência, e/ou atendimento tardio ocorrido após cinco dias da violência. São prestados durante as 24 horas do dia, com prioridade, no momento da chegada do cliente ao serviço e em um local privado e tranquilo. A cliente é recebida por um enfermeiro que obtém dados de anamnese, administra prescrições médicas como anticoncepcional e quimioprofilaxia para infecções vivas e não vivas e a partir daí é feita a realização de intervenções de enfermagem de acordo com diagnósticos de enfermagem identificados e recomendações de tratamento. No seguimento ambulatorial, que se inicia após seis dias após atendimento imediato/urgente, a assistência de enfermagem é prestada por seis meses (REIS et al., 2010).

A enfermagem no atendimento às vítimas de violências deve ser planejada para promover a segurança, o respeito e o acolhimento das usuárias em suas necessidades individuais e coletivas. Refletir sobre sua estratégia, conforme delineada nos instrumentos básicos de enfermagem, nas políticas públicas de saúde e na legislação vigente, é fundamental para a proteção das vítimas e a prevenção de futuros agravos (LEITE; 2012).

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é destacar a atuação do profissional enfermeiro e seu papel mediador junto às mulheres vítimas de violência sexual e analisar os casos de mortalidade de mulheres vítimas de violência no Mato Grosso em 2022.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem quantitativa e pautada em uma revisão bibliográfica narrativa. A pesquisa documental é um método científico de pesquisa

que utiliza fontes primárias, ou seja, dados e informações que ainda não foram processados cientificamente ou analiticamente. A pesquisa documental tem objetivos específicos e pode ser um complemento valioso para a pesquisa bibliográfica (FONSECA; 2002)

Para o desenvolvimento da pesquisa foi elaborada as seguintes questões norteadoras: Qual a atuação do enfermeiro no atendimento à mulher vítima de violência? Qual o índice de violência contra a mulher no Mato Grosso em 2022? Estruturada conforme PICO abaixo.

Quadro 1- Estratégia PICO

<b>Identificador</b>	<b>Palavra da pergunta norteadora</b>	<b>Descritor</b>
<b>P</b>	Mulheres que sofreram violência sexual	Estupro; abuso sexual; violência contra a mulher.
<b>I</b>	Atuação do Enfermeiro	Assistência do enfermeiro; Cuidados em Saúde;
<b>C</b>	Índice de violência contra a mulher no Mato Grosso	Violência
<b>O</b>	Melhora no acolhimento nas instituições de saúde	Acolhimento no primeiro atendimento; relato de casos;

Fonte: Autoria própria, 2022.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu entre julho e setembro de 2022, em duas etapas:

A primeira etapa ocorreu em uma busca na Delegacia Geral de Mato Grosso, mediante autorização prévia via ofício, com solicitação dos dados: total de casos de violência contra a mulher, idade, meio empregado, raça, local da violência e motivo da violência, no ano de 2022, os dados foram entregues em planilhas e sem nenhum tipo de identificação. Os critérios de inclusão e exclusão desta etapa foram: dados de violência contra a mulher em 2022 e foram excluídos dados de notificação em sigilo judicial.

A segunda etapa ocorreu nas bases de dados pesquisadas: SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BDENF (Base de dados da Enfermagem) e MEDLINE (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica), determinando os artigos que tratem da abordagem do enfermeiro. A estratégia de pesquisa foi realizada através do uso do vocabulário controlado – DeCS: Violência Doméstica, Sistema único de saúde, Mulheres, Cuidados de Enfermagem e Acolhimento. Foram determinados os seguintes critérios de inclusão desta etapa: artigos na íntegra, originais do tipo relato de casos, publicados entre 2018 e 2022, no idioma português. Como critérios de exclusão: Artigos repetidos nas bases de dados, artigos que abordem outros

tipos de violência.

Para ampliar e completar a pesquisa eletrônica, foi realizada uma revisão das referências bibliográficas dos estudos previamente incluídos, com o objetivo de ampliar o banco de dados e identificar os artigos em falta. Após a seleção, procedeu-se à análise dos títulos e resumos dos artigos utilizando os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa; para este estudo, foram consideradas as seguintes variáveis: projeto previamente desenvolvido; país de estudo; ano de publicação; ano, título, objetivo e resultados.

Foram criadas duas categorias nos resultados: 1-índice de violência contra a mulher no Mato Grosso; 2- atuação do Enfermeiro na violência contra a mulher. Os dados foram construídos em forma de tabelas, gráficos e quadros, visando melhor interpretação, o tratamento estatístico ocorreu em frequência absoluta e relativa.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta etapa da pesquisa serão abordados os resultados atingidos, que emergiram nas duas categorias acima mencionadas.

#### **3.1 ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

O feminicídio compreende-se por homicídio praticado contra a mulher por razões da conjuntura de sexo feminino, ou seja, apenas pelo fato de ser mulher, segue na tese de menosprezo ou de discriminação da condição de mulher (MESSIAS; CARMO; ALMEIDA, 2020). O homicídio é uma forma de violência que atesta contra um dos valores mais prestigiados da humanidade: a vida, consiste no aniquilamento do homem pelo homem de forma injustificada, neste caso a morte da mulher é efetuada por outros motivos e não apenas por ser mulher (BRASIL, 2018).

No Mato Grosso, ocorreram um total de 51 mortes de mulheres no primeiro semestre de 2022, sendo 28 por homicídios e 23 por feminicídios. A tabela 01 descrita abaixo, apresenta o meio utilizado para cometer o crime, idade, raça e local do fato.

**Tabela 01.** Descrição fato de homicídio e feminicídio. Mato Grosso, Brasil, 2022.

<b>QUESTÕES</b>	<b>Homicídio N=28</b>	<b>Feminicídio N=23</b>
<b>Meio empregado:</b>		
Arma de fogo	16 (57%)	08 (35%)
Arma Cortante	05 (18%)	10 (44%)
Força muscular	02 (07%)	03 (13%)
Objeto contundente	03 (11%)	01 (04%)
Outros	02 (08%)	01 (04%)
<b>Idade da vítima:</b>		
12 a 17 anos	05 (18%)	00 (00%)
18 a 39 anos	04 (14%)	16 (70%)
40 a 49 anos	14 (50%)	05 (22%)
50 a 59 anos	03 (11%)	01 (4,0%)
60 ou mais	02 (7,0%)	01 (4,0%)
<b>Raça:</b>		
Branca	05 (19%)	02 (09%)
Preta	01 (03%)	03 (13%)
Parda	12 (46%)	18 (78%)
Não informado	10 (36%)	00 (00%)
<b>Local do fato:</b>		
Comercio	05 (18%)	01 (04%)
Residência	07 (25%)	17 (74%)
Via publica	11 (39%)	05 (22%)
Boate/clube	03 (11%)	00 (00%)
Prop. Rural	02 (07%)	00 (00%)

Fonte: SESP/SROP/PM/PCMT/GEIAPCMT. 2022

Quanto ao tipo de violência percebe-se que a maioria dos homicídios foi por arma de fogo (57%) e dos feminicídios por arma cortante (44%). Em um estudo realizado em 2015 descreve de que a mortalidade por arma de fogo é a segunda maior causa de óbito, metade dos feminicídios envolveu arma de fogo e instrumento perfuro cortante ou contundente. Sabendo de que as armas de fogo é o instrumento mais comum utilizado em homicídios de parceiro íntimo, o que aumenta em 40 vezes as chances para que o feminicídio aconteça (GARCIA; FREITAS; SILVA; HÖFELMANN, 2015)

Quanto a idade das vítimas a maioria dos homicídios foi de adultas de 40 a 49 anos (50%) e dos feminicídios de jovens adultas de 18 a 39 anos (70%), dados semelhantes de perfis foram localizados em um estudo mostra que as vítimas estão entre 19 e 41 anos. Identificar a idade das vítimas de feminicídio pode ajudar com as possibilidades de melhor percepção do problema na medida em que se pode estabelecer os indicadores de violência contra a mulher, saber que as mulheres assassinadas geralmente estão na faixa etária entre 18

e 40 anos, permite compreender que os efeitos destes crimes atingem não apenas o presente, mas, sobretudo, o futuro (NEVES; 2020).

Em um estudo realizado em Teresina-PI mostram nas quais mulheres entre a faixa etária de 18 a 39 anos é mais recorrente que sofram violência, pois é nessa faixa etária que a mulher se encontra no ápice de sua juventude, de sua beleza, o que pode despertar desejos e inseguranças nos homens e assim podendo gerar ciúmes e atos autoritários de violência (ARAÚJO et al., 2014).

A raça que mais sofreu violência foi parda, tanto para homicídio (46%) quanto feminicídio (78%). Pesquisa descreve que as vítimas se destacaram por serem em sua maioria de raça/cor parda, já que no país a raça predominante é a parda. Sucedeu que nesse estudo a maior parte de mulheres se declararam pardas, que se caracteriza cerca de 44,1%, entretanto, a pesquisa realizada em Goiânia-GO afirma de que mulheres da cor branca são os que mais sofrem em casos de violência sexual, em virtude das notificações de grupo étnicos, sendo a grande maioria da raça/cor parda (SOUSA et al, 2019).

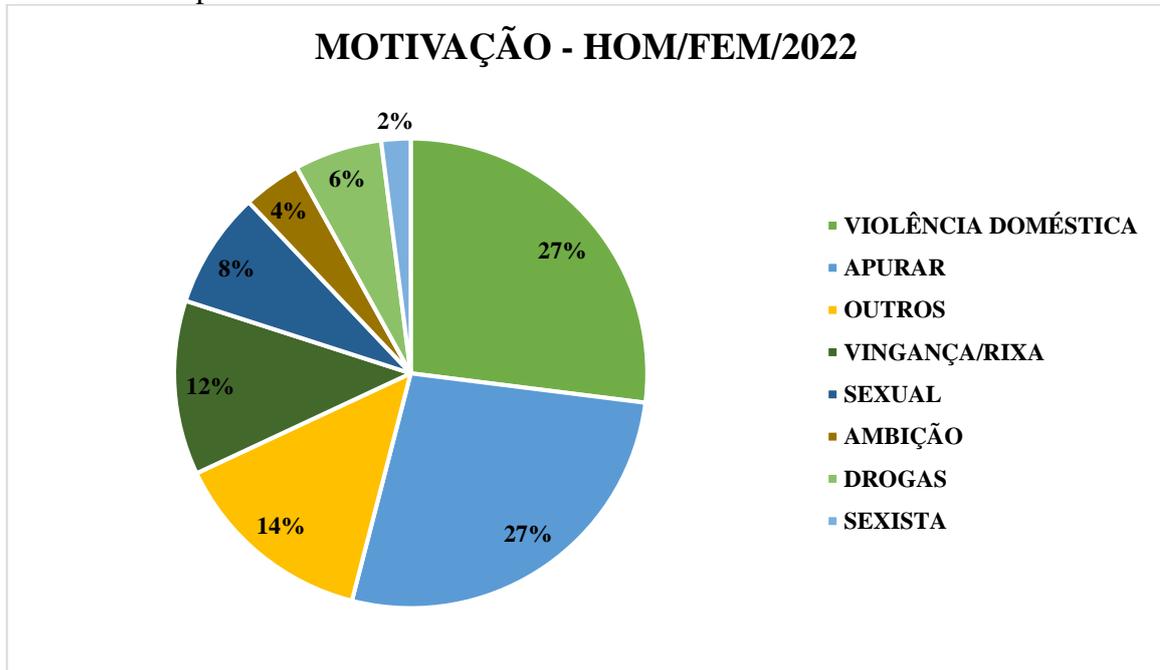
Já em um outro estudo realizado em Pernambuco, relata de que há uma prevalência de vítimas na cor parda, e esse número representa cerca de 66,01% dos casos. Foram registradas 942 fichas de notificação em “Ignorado/Branco”, somando cerca 5,19% do total de casos, porém a predominância ainda permanece de raça/cor parda (PESTANA et al, 2021).

Outro dado importante desta pesquisa é sobre a ocorrência dos feminicídios dentro do próprio lar (74%), apurado no seguinte estudo que aponta que 80,3% das agressões foram praticadas dentro da residência, sendo a mesmas recorrentes. Ressalta-se que o lar deveria representar um ambiente seguro, porém pode ser considerado muitas vezes um espaço perigoso. Muitas mulheres referem que além do medo da violência dentro do próprio lar, sentem medo no espaço público (GARCIA et al., 2008).

Podemos afirmar que a grande maioria das violências contra as mulheres são causadas por arma de fogo ou arma contundente/cortante, e suas vítimas tinham entre 18 a 39 anos e a grande maioria da raça/cor parda. A própria residência não é um local seguro para muitas mulheres, pode-se afirmar então que a violência contra a mulher atinge todas as raças, idades e locais que elas frequentam, representando um grave problema para a sociedade atual.

Ademais, entre os tipos de violência, a maioria foi violência doméstica (27%), seguido por vingança (12%) e de origem sexual (8%). Conforme gráfico 01 abaixo.

**Gráfico 01:** Descrição do percentual da motivação dos homicídios e feminicídio que ocorreram no primeiro semestre de 2022.



Fonte: SESP/SROP/PM/PCMT/GEIAPCMT, 2022

A maioria das mulheres sofreram de violência domésticas, seguida por vingança. De acordo com os dados da Delegacia Geral de Mato Grosso (2022) número de mulheres com medidas protetivas de janeiro a junho de 2022 é de 7.156. Já o número de homicídio/feminicídio com medidas protetivas é de uma vítima, e o número de vítimas de homicídio e feminicídio com registro de Boletim de Ocorrência é o total de oito vítimas.

Os registros de mulheres que sofrem com a violência seja ela em forma de tortura, estupro, sexual, feminicídio entre outros, representam números elevados. Só no Brasil o feminicídio tem uma demonstração muito grande de violência por conta do gênero. A violência contra a mulher tem sido um pouco negligenciada, por motivos de que quase não há dados diretos para avaliá-los, somente os indiretos, com a saúde pública do nosso país pode ser visto a tragédia social das mulheres assassinadas no Brasil, colocando-o como o quinto país com maior número de mortes de mulheres no mundo (SOUZA; NASCIMENTO, 2021).

Um estudo declara que violência sexual é representada por 36% da violência declarada pelas mulheres. Entretanto existe situações de assédio sexual feito através de frases como por exemplo: “frases com duplo sentido e obscenidades” e para a maior parte das mulheres que foram vítimas de assédio sexual se retrata com as situações de menor gravidade é representada por 74% das vítimas (PATRÍCIO, 2014).

Em uma análise realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização

Pan Americana de saúde (OPAS) em 2021 descobriu que, em todo o mundo 30% de todas as mulheres que já estiveram em um relacionamento sofreram algum tipo de violência, seja ela física ou sexual, por parte do seu parceiro. As estimativas são de que cerca de 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros em todo o mundo, além da violência perpetrada por parceiros, cerca de 7% de todas as mulheres do mundo relatam que em algum momento foram assediadas sexualmente por terceiros.

As mulheres podem procurar ajuda dentro da Lei n.º 11.340/2006 que prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. De todas as mulheres assassinadas, somente uma vítima tinha medida protetiva vigente contra o ex-companheiro, que já havia denunciado por descumprimento da decisão judicial. Existe um aplicativo chamado SOS Mulher e um site para pedidos de medidas protetivas via internet e desde o lançamento, o sistema recebeu mais de 4.600 *download's*. No primeiro semestre de 2022 o aplicativo dobrou em pedidos do botão de emergência SOS e acionamento do botão, que é um recurso de ajuda imediata às vítimas em risco eminente de violência e morte pelos parceiros.

### 3.2 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Nesta etapa será abordado a atuação do enfermeiro mediante casos de violência contra a mulher, descrito um quadro sinóptico contendo: artigo selecionado, ano, título e resultados.

Quadro 2: relação dos artigos selecionados.

Artigo	Ano	Título	Resultados
1	2018	Atuação da enfermagem na conservação da saúde de mulheres em situação de violência	Fala de Enfermeiro: Priorizo a cura das marcas, para que ela não fique olhando no espelho e se sentindo inferior. Essas mulheres têm hematomas, cuido daquilo que estou vendo. Se você faz um bom exame físico, você percebe os sinais. O mais importante são os testes rápidos pra HIV e DSTs. Quando a mulher está com queixa vaginal, vejo se ela está com DST e trato. Quando ela apanha, é uma questão estética também, em que se preocupa em como vai aparecer na frente dos filhos, com marcas pelo corpo
2	2019	Violência contra a mulher: a percepção dos graduandos de enfermagem	O mundo é um espaço de relações interpessoais e o ser humano que nele habita vivencia múltiplas experiências, pois coexiste com outros seres. Sendo assim, pode se expressar de muitas maneiras, inclusive de forma conflituosa, o que pode desencadear as mais diversas manifestações, entre elas a violência, destacando a violência conjugal perpetrada contra a mulher.
3	2020	Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual	No que se refere a atuação dos enfermeiros, percebe-se um despreparo dos mesmos para lidarem com esse tipo de caso, o que pode resultar em encaminhamento da vítima a outro serviço e/ou na subnotificação dos

			casos.
<b>4</b>	<b>2020</b>	Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde	Os enfermeiros não se sentem capacitados para a assistência às mulheres que sofrem violência, mesmo trabalhando na APS há algum tempo. Também reconhecem que as próprias mulheres têm dificuldade em perceber a violência que sofrem. Existe um ciclo vicioso, no qual as mulheres e enfermeiros se sentem despreparados.
<b>5</b>	<b>2021</b>	Dispositivos de poder utilizados por enfermeiros para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher	Inicialmente, o conhecimento se apresenta como um dispositivo que dota as mulheres de informações acerca da violência, durante o acolhimento, permitindo-lhes acessar a verdade e se libertar de determinados constructos sociais que as aprisionam em um estereótipo de mulher submissa, rainha do lar.
<b>6</b>	<b>2021</b>	Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa	Os desafios identificados foram: carência de recursos humanos e de formação em enfermagem forense; formação de enfermeiros para coleta de vestígios; execução limitada de procedimentos para a preservação de vestígios; conflitos entre o papel do enfermeiro no cuidado e na coleta de vestígios; ausência de protocolos ou padronização dos já existentes; subnotificação dos casos de agressão; falta de tempo e medo da responsabilidade legal ou represália; ausência de instrumentos legais que regulamentem as atribuições do enfermeiro e seu papel na cadeia de custódia das provas.

No artigo 1 descreve sobre a fala de um enfermeiro sobre as marcas de uma violência. Em uma pesquisa, diz que a violência é perpetrada por longos períodos de violência, e isso tem a capacidade de deixar as mulheres vítimas da violência mais fragilizadas e vulneráveis, assim, reduzindo a condição do enfrentamento (FERRAZ; LABRONICE, 2015).

São evidenciadas lesões do tipo hematoma, luxação, escoriações e lacerações. As vítimas relatam dor no corpo, crises de pânico e gastrite. Os danos da violência na vida da vítima podem ocasionar com que passem a fazer uso em excesso de medicações, sendo os principais antibióticos e anti-inflamatórios, as consequências são diversas e podem se agravar e acabar com a saúde mental da vítima, fazendo-a sentir tristeza, desânimo, solidão, baixa autoestima, impotência entre outros (NETTO et al., 2014).

No artigo 2 enfatiza sobre como os profissionais de enfermagem lidam com a mulher que sofre violência conjugal, e em uma pesquisa corrobora com os dados sobre o cuidado que a enfermagem tem, pois, o primeiro contato realizado com a escuta sensível é feito pelos profissionais de enfermagem. Sabendo que acolher e realizar uma escuta sensível é importante para que a paciente sinta vontade de se abrir, e o atendimento deve ser realizado por uma equipe multiprofissional, pois muitas vezes os casos acabam passando despercebido (MOTA et al., 2020).

Em uma pesquisa realizada em uma cidade no nordeste brasileiro que foi publicado

em 2021 realizado pela Escola Ana Nery descreve sobre os relatos dos profissionais de enfermagem no atendimento à mulher vítima de violência conjugal, as profissionais que realizam o atendimento falam que se sentem impotente pelo fato de a paciente não querer denunciar e/ou não se sentir preparada para sair do relacionamento. A gestão precisa qualificar os profissionais para realização desse tipo de atendimento pois a investigação precisa ser completa e a notificação do caso deve ser realizada (CARNEIRO et al., 2021).

No artigo 3 refere-se ao despreparo dos profissionais para lidar com esse tipo de caso. Em uma pesquisa completa que o profissional deve saber definir o que é um caso de violência doméstica e o quanto é essencial e importante para as medidas de enfrentamento, os profissionais que realizam o atendimento possuem enorme dificuldade para realizar o atendimento, a notificação e realizar a denúncia, com isso, despreparo pode causar uma falha na hora da realização da escuta e isso pode causar um impacto negativo (LEITE et al., 2022).

Em outra pesquisa descreve que a falta de preparação dos profissionais na hora de atender as mulheres vítimas de violência pode ser causada pela sensação de impotência, pelo sentimento de incapacidade. O medo de represar faz com que o atendimento tenha uma certa falha. Sabendo-se que também a identificação da ausência de notificação de casos de violência por parte dos profissionais enfermeiros é algo que deve ser analisado (SILVA et al., 2017).

O artigo 4 descreve que os enfermeiros não se sentem capacitados para o atendimento as mulheres vítimas de violência. Em uma pesquisa realizada em Portugal com 150 enfermeiras, descreveu que a formação acadêmica ainda é defasada quanto a identificação e apoio de mulheres vítimas de violência, além disso, as participantes declaram que a violência é caracterizada como fatores sociais, familiares e de educação (LEAL; LOPES; GASPAR, 2011).

Um estudo enfatiza sobre a necessidade de haver uma capacitação profissional para o atendimento sobre a violência contra a mulher. Para poder lidar com os significativos efeitos físicos, psicológicos, sexuais na vida das mulheres agredidas, é imprescindível que seja utilizada uma abordagem que incorpore a integralidade e a interdisciplinaridade. Levando em consideração de que é a enfermeira que normalmente faz o primeiro ponto de contato da vítima em uma unidade médica, e a profissional deveria ter uma qualificação abrangente para entender e ajudar melhor a paciente em um momento triste e delicado de sua vida (BAPTISTA et al., 2015).

No artigo 5 descreve sobre o acolhimento durante o atendimento à mulher vítima de violência. Em um estudo realizado no Hospital da Mulher - CAISM/Unicamp em 2009 diz que

quando a mulher que sofre algum tipo de violência pode exibir alguns sinais de alívio e/ou alegria após ser atendida com dignidade e empatia. O acolhimento é essencial para se ter um atendimento humanizado e a partir de aí criar um vínculo de empatia e confiança com a paciente. (REIS et al., 2009)

Em 2010 um artigo publicado descreve que: O atendimento acolhedor deve ser um pilar para se obter um cuidar empático e solidário, já que nesse momento a mulher está vulnerável e traumatizada, com isso, o atendimento acolhedor traz um pensamento para que assim as ações humanizadas sejam mais acolhedoras na hora de atender, ouvir e tocar na paciente. (MORAIS; MONTEIRO; ROCHA, 2010)

No artigo 6 descreve sobre os desafios identificados, sendo eles a carência de recursos humanos e a formação em enfermagem forense. Em um artigo publicado na Revista Saúde em Foco – Edição nº 11 – Ano: 2019 em Tatuí-SP diz sobre a enfermagem nos Estados Unidos da América (EUA) de que era feito a coleta de vestígios de violência durante o atendimento e entregava para a polícia e por esse fato tinham que depor como testemunha da vítima e algumas vezes as profissionais eram coagidas pelos advogados das defesas e por esse motivo surgiu a necessidade de treinamento desses profissionais para que não se sentissem intimidados (MARCELO; BARRETO, 2019).

Em um estudo realizado no Rio de Janeiro sobre recursos humanos foi descrito que os profissionais de enfermagem são fundamentais dentro do sistema assistencial, pois é o maior grupo dentro dos hospitais e da assistência preventiva. Existe uma escassez grande com o número de profissionais habilitado para tal atividade e isso vem preocupando as instituições (CARVALHO; 1975).

Com isso, entende-se que é necessário um maior preparo para a realização do atendimento à mulher vítima de violência, visto de que são os profissionais de enfermagem que mantem maior contato com a vítima. O aprestamento para o atendimento é importante, uma vez que é um momento traumático e de vulnerabilidade da mulher, então se faz necessário um atendimento mais empático. A coleta de dados para a notificação também é realizada pelo enfermeiro, sabendo também de que esse é um ponto que há falhas e deve ser feito com cautela e com precisão.

## **4 CONCLUSÃO**

O índice de homicídios e feminicídios ainda é profundamente grande no Mato Grosso,

nesse contexto de violência contra a mulher a maioria das violências ocorreram decorrente de arma de fogo e arma contundente/cortante, sendo também de que as vítimas em sua maioria são da faixa etária entre 18 e 39 anos sua raça/cor predominante é parda. Podemos dizer que a violência contra a mulher ocorre com mais frequência do que podemos imaginar e, ao mesmo tempo, pode ser visto o poder da desigualdade, que é simbolizada pela ideia de posse e superioridade física dos homens em relação às mulheres, bem como pelo papel submisso da mulher nas relações amorosas em decorrência das normas de gênero.

No contexto de atendimento à mulher vítima de violência entende-se que os profissionais de enfermagem são peças-chaves para o reconhecimento e denúncias dos casos. Sabendo de que as mulheres procuram o serviço de saúde decorrente das violências sofridas é correto afirmar de que se precisa de mais preparo, pois é um momento de extrema vulnerabilidade da mulher, sendo necessário um acolhimento e uma escuta mais humanizados.

Sugere-se a adoção de condutas profissionais específicas para tal situação, pois é importante uma capacitação de recursos humanos em saúde para a coleta adequada dos dados e histórias de vida da paciente, isso é importante e ajudaria no auxílio da prevenção de novos casos de violência.

## REFERÊNCIAS

AMARIJO, Cristiane Lopes et al. Dispositivos de poder utilizados por enfermeiros para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 30, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/7LYqcbBsSqxSyQ7p5fRB6cM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 julho 2022

BAPTISTA, Rosilene Santos et al. Violência sexual contra mulheres: a prática de enfermeiros. **Rev Rene**, v. 16, n. 2, p. 210-217, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324038465010.pdf>. Acesso em 03 agosto 2022

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Homicídio: conheça as principais circunstâncias. 2018. Disponível em: <https://ebradi.jusbrasil.com.br/artigos/451709549/homicidio-conheca-as-principais-circunstancias>, Acessado em: 03 set 2022.

CARNEIRO, Jordana Brock et al. Condições que interferem no cuidado às mulheres em situação de violência conjugal. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021.

CARVALHO, Amália C. de. Recursos humanos em enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 28, p. 70-77, 1975. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SGXLBpYX4fXbwRSVMVVjsNP/?lang=pt>. Acesso em 15 agosto 2022

CRUZ, Mércia Santos; IRFFI, Guilherme. Qual o efeito da violência contra a mulher

brasileira na autopercepção da saúde?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2531-2542, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n7/2531-2542/>. Acesso em 29 julho 2022

DA SILVA PESTANA, Jesyka Thamires et al. Epidemia invisível: perfil epidemiológico de mulheres vítimas de violência doméstica no Estado de Pernambuco entre 2015 e 2019. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 64290-64308, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/32095>. Acesso em 08 agosto 2022

DE ARAUJO, Rosângela Pereira et al. Perfil sociodemográfico e epidemiológico da violência sexual contra as mulheres em Teresina/Piauí. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 4, p. 739-750, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/view/14519>. Acesso em 07 setembro 2022

DE LIMA, Crislene da Silva et al. Assistência de enfermagem frente a mulheres vítimas de violência no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e40310111861-e40310111861, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11861>. Acesso em: 28 julho 2022.

FERRAZ, Maria Isabel Raimondo; LABRONICI, Liliana Maria. Fragmentos de corporeidades femininas vítimas de violência conjugal: uma aproximação fenomenológica. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, p. 842-849, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/w8RQB4MxbnfgNdfxsZx8tMJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 agosto 2022

GARCIA, Leila Posenato et al. Estimativas corrigidas de feminicídios no Brasil, 2009 a 2011. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 37, n. 4-5, p. 251-257, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rpsp/v37n4-5/v37n4-5a10.pdf>. Acesso em 04 setembro 2022

GARCIA, Marilúcia Vieira et al. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 11, p. 2551-2563, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vVddcQ8YFzw3Gp3SJYZ735F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 03 agosto 2022

LEITE, Jéssica Totti. **Ações de enfermeiros (as) na atenção primária à saúde de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica no distrito oeste do município de Ribeirão Preto-SP**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-31102011-084117/en.php>. Acesso em 30 julho 2022

LEITE, Paula Mara Gomes et al. Atuação do enfermeiro na atenção básica frente a mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e39911326728-e39911326728, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26728>. Acesso em 12 agosto 2022

MARCELO, K. C. F. R.; BARRETO, Carla Alessandra. Enfermagem forense sobre a regulamentação no Brasil. **Revista Saúde em Foco**, v. 11, p. 1109-1119, 2019. Disponível em: [http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/05/050\\_ENFERMAGEM-FORENSE.pdf](http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/05/050_ENFERMAGEM-FORENSE.pdf). Acesso em 15 agosto 2022

MESSIAS, Ewerton Ricardo; CARMO, Valter Moura do; ALMEIDA, Victória Martins de. Femicídio: Sob a perspectiva da dignidade da pessoa humana. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/K95hX8jm3t5jtKLLfXXMvKL/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 agosto 2022

MORAIS, Sheila Coelho Ramalho Vasconcelos; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Sousa; ROCHA, Silvana Santiago da. O cuidar em enfermagem à mulher vítima de violência sexual. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 19, p. 155-160, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ckVMC5bHyNsndMSgKy7RQLz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 julho 2022.

MORAIS, Sheila Coelho Ramalho Vasconcelos; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Sousa; ROCHA, Silvana Santiago da. O cuidar em enfermagem à mulher vítima de violência sexual. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 19, p. 155-160, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ckVMC5bHyNsndMSgKy7RQLz/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12 agosto 2022

MOTA, Andréia Ribeiro et al. Práticas de cuidado da (o) enfermeira (o) à mulher em situação de violência conjugal. **Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. 840-849, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102795>. Acesso em 15 agosto 2022

MOTA, Juliana Arrais; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 262, p. 3648-3651, 2020. Disponível em: <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/488>. Acesso em 31 julho 2022

NETTO, Leônidas de Albuquerque et al. Atuação da Enfermagem na conservação da saúde de mulheres em situação de violência. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, p. 1-8, 2018. Acesso em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1292>. Acesso em: 28 julho 2022.

NETTO, Leônidas de Albuquerque et al. Violência contra a mulher e suas consequências. **Acta paulista de enfermagem**, v. 27, p. 458-464, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/yhwcb73nQ8hHvgJGXHhzw8P/?lang=pt&format=html>. Acesso em 15 agosto 2022

NEVES, Josélia Gomes. EM MEMÓRIA DELAS: situações de feminicídio na Amazônia. **Revista Relicário**, v. 7, n. 13, p. 66-85, 2020. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/153>.

Acesso em 04 setembro 2022.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de et al. Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, p. 376-382, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/7GvxBh3JvbwjSnvxH3DrwTz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 julho 2022

PATRÍCIO, Joana Aguiar. Violência contra as mulheres: processos e contextos de vitimização. In: **Forum Sociológico. Série II**. CESNOVA, 2014. p. 33-43. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/902>. Acesso em 07 setembro 2022

REIS, Maria José dos et al. Atendimento de enfermagem às mulheres que sofrem violência sexual. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, p. 740-747, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/7DfJ5k4FMZVwcbJyP4qL9Tg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 julho 2022

REIS, Maria José dos et al. Vivências de enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência sexual. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 325-331, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/d737sGySCLpLkFZYFYH5hXp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 agosto 2022

RIBEIRO, Camila Lima et al. Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Gs7krMQLVcdcm8SCnkt4TVJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 03 agosto 2022

SAÚDE, Organização Mundial. Violência contra as mulheres. Genebra: 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women> Acesso em: 04 setembro. 2022.

SILVA, Neuzileny Nery Ferreira et al. Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1290>. Acesso em 12 agosto 2022

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 julho 2022

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 julho 2022

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44**, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequ>. Acesso em: 03 agosto 2022

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44**, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequ>. Acesso em: 01 setembro 2022

SOBRINHO, Natália Costa et al. Violência contra a mulher: a percepção dos graduandos de enfermagem. **Journal of Nursing and Health**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/13222>. Acesso em 01 agosto 2022

SOUSA, Tânia Cássia Cintra de et al. Características de mulheres vítimas de violência sexual e abandono de seguimento de tratamento ambulatorial. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, p. 117-123, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/Hvz3wtBKQFRr3CgDhHZypXq/?stop=previous&lang=pt&format=html>. Acesso em 07 setembro 2022.

SOUZA, C. dos S. de. ; NASCIMENTO, F. L. . FEMINICÍDIO E A PANDEMIA DA COVID-19: PERÍCIA CRIMINAL E A TIPIFICAÇÃO DO CRIME DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO DIREITO. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 6, n. 17, p. 111–134, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5032918. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/378>. Acesso em: 4 set. 2022.